



**OFERECER CAMINHOS POROSOS: PERCURSOS DE CURADORIA E ESCRITA
A PARTIR DO PROJETO ÍNDICE REMISSIVO**

**OFFERING POROUS PATHS: CURATION AND WRITING ITINERARIES FROM
THE PROJECT ÍNDICE REMISSIVO**

Taís Cardoso¹

Doutoranda em História, Teoria e Crítica de Arte no PPGAV-UFRGS
Não Associada ANPAP:

RESUMO

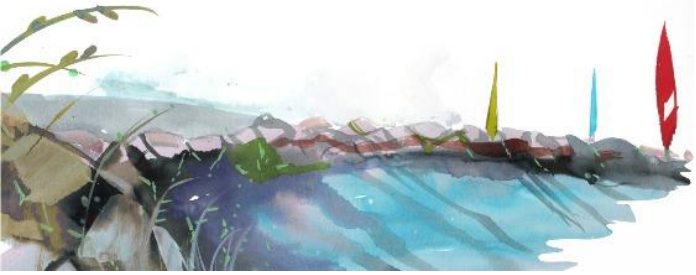
O seguinte texto disserta sobre o projeto Índice Remissivo, uma curadoria que mescla arte e literatura desenvolvida pela autora em parceria com o escritor Daniel Galera, na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre (RS). Em diálogo com considerações de Ricardo Basbaum e Sonia Salzstein sobre a escrita e a crítica de arte, o texto apresenta o projeto — que consiste em três exposições individuais, respectivamente dos artistas Camila Elis, Fercho Marquéz-Elul e Manoela Cavalinho, combinadas a uma estante de livros — e suas aspirações. Em seu cerne está a intenção de refletir sobre possíveis caminhos porosos e estimulantes para se relacionar com arte contemporânea e escrever a partir dela.

Palavras-Chave: Arte Contemporânea. Curadoria. Crítica de arte. Literatura.

ABSTRACT

The following text discusses the Índice Remissivo project, a curatorial initiative that combines art and literature developed by the author in partnership with the writer Daniel Galera, at Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre (RS). In dialogue with considerations by Ricardo Basbaum and Sonia Salzstein on writing and art criticism, the text presents the project — which consists of three solo exhibitions, respectively by artists Camila Elis, Fercho Marquéz-Elul and Manoela Cavalinho, combined with a bookshelf — and its aspirations. At its core is the intention to reflect on possible porous and stimulating paths to relate to contemporary art and write about it.

KEYWORDS: Art critic. Contemporary Art. Curation. Literature.



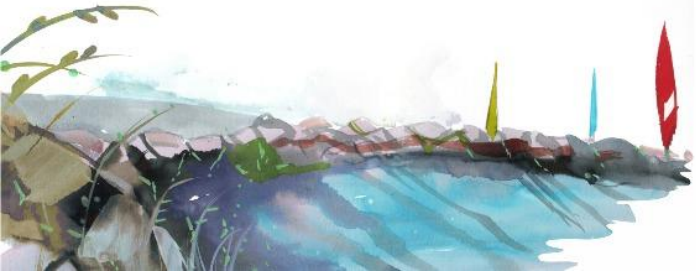
Em *A crítica de arte como campo privilegiado para a ficção contemporânea* (2013), Ricardo Basbaum elabora sobre seu desconforto em relação à maneira *habitual* de escrever sobre arte. Conforme o artista e professor argumenta, “[...] a maioria dos escritores de arte têm permanecido atados ao hábito de abordar o texto como ferramenta para somente reagir aos trabalhos de arte, ao invés de assumir uma possibilidade mais inventiva de compartilhar com eles” (Basbaum, 2013, p. 41-42).

Em função desse *hábito*, segundo Basbaum, quem escreve sobre arte acaba por se restringir ao papel de juiz ou de didata, ou seja, se limita a julgar ou explicar os trabalhos, quando talvez, penso, pudesse construir *algo* a partir deles. Os textos, assim, ficam numa posição de apenas traduzir, com “autoridade (e habilidade)”, algo supostamente contido nos trabalhos, estabelecendo uma parceria “para falar em nome deles” (Basbaum, 2013, p. 42). “Tal é o círculo vicioso da escrita sobre arte: artistas fazem o trabalho; críticos comentam” (Basbaum, 2013, p. 42), ele vai dizer.

Diante disso, o autor propõe uma mudança de postura:

É necessário buscar outro padrão de relacionamento entre textos e obras de arte, que nos faça acreditar que a escrita pode desempenhar um papel maravilhoso na expansão dos sentidos — se as palavras estiverem acopladas aos trabalhos de um modo especial e interessante (Basbaum, 2013, p. 42).

Em meio ao estímulo das provações de Basbaum, combinadas a algumas ideias anteriores, surgiu o projeto *Índice Remissivo*, uma proposta de curadoria realizada na Casa de Cultura Mario Quintana, na cidade de Porto Alegre, entre os meses de junho de 2023 e fevereiro de 2024. Idealizado por mim e pelo escritor Daniel Galera, o projeto consistiu em uma série com três exposições individuais combinadas a uma estante de livros. A Casa de Cultura Mario Quintana, por ser um espaço de linguagens integradas e oferecer, além de espaços expositivos, bibliotecas, salas de teatro, de dança, cinemas e, portanto, ter intensa circulação de pessoas (a estimativa é de mil por dia), conhecedoras ou não de arte, se mostrou um lugar especialmente interessante para implementarmos a nossa proposta.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Um índice remissivo, como se sabe, é uma lista dos principais assuntos e autores presentes num livro, em geral colocado nas páginas finais. Ele envia o leitor de um ponto a outro do texto e oferece atalhos de acesso, orientações e uma visão geral dos conceitos e ideias presentes na obra. Nossa ideia consistiu, assim, em criar uma analogia desse tipo de peça textual remissiva dentro do contexto das artes visuais, incluindo no espaço expositivo uma estante de livros que podia ser vista tanto como um elemento de diálogo com as obras quanto como uma obra entre outras, instigando nos visitantes uma atitude de curiosidade diante da presença daquela seleção específica de volumes.

Para compor o projeto, convidamos três artistas: Camila Elis, Fercho Marquéz-Elul e Manoela Cavalinho. Cada participante apresentou uma exposição que foi combinada a uma estante de livros e exibida no espaço Maria Lúcia Magliani, no quinto andar da Casa de Cultura Mario Quintana, ao lado do Jardim Lutzenberger. Em cada uma das instalações, havia um caráter remissório estabelecido entre os livros dispostos na estante e as obras expostas no mesmo espaço.²



Imagem 1. Obras e estante de livros na exposição de Fercho Marquéz-Elul, no espaço Maria Lúcia Magliani, na Casa de Cultura Mario Quintana. Foto do Vicente Carcuchinski (Cardoso, 2025, p. 39).



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Voltando a Basbaum, chamo a atenção para como seu texto, anteriormente citado, inicia com uma nota na qual ele afirma dever muito do seu argumento ao conceito de “linha orgânica”, proposto por Lygia Clark, em 1956. Em sua descrição, o autor define a linha orgânica como “[...] uma linha na junção de duas superfícies da mesma cor, não traçada ou desenhada pela artista” (Basbaum, 2013, p. 39), e, nas palavras de Clark, “uma linha que é real [e] existe em si mesma, organizando o espaço” (Clark, 1956 *apud* Basbaum, 2013, p. 39)

Penso que é possível estabelecer um diálogo entre o caráter remissório no espaço expositivo entre as obras e livros e a linha e aquilo que Basbaum conceitua como “diagrama”. Assim, chamo a atenção para como ele aproxima linhas e palavras:

linhas e palavras (com referências a tempo e espaço), **permitindo trazer para o visível diferentes padrões de relacionamento** — envolvendo **afeto, atração, conexão, repulsão** etc. Os diagramas produzem um **campo afetivo** e indicam **paisagens mentais**. (Basbaum, 2013, p. 39, grifos meus).

Linhas, palavras, livros enquanto portas de acesso à paisagem mental de cada artista, com quem o público é convidado a interagir, através da mistura entre escritos e instalações, traçando seus próprios territórios. Talvez possamos pensar que essa tenha sido a proposta do *Índice Remissivo*.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

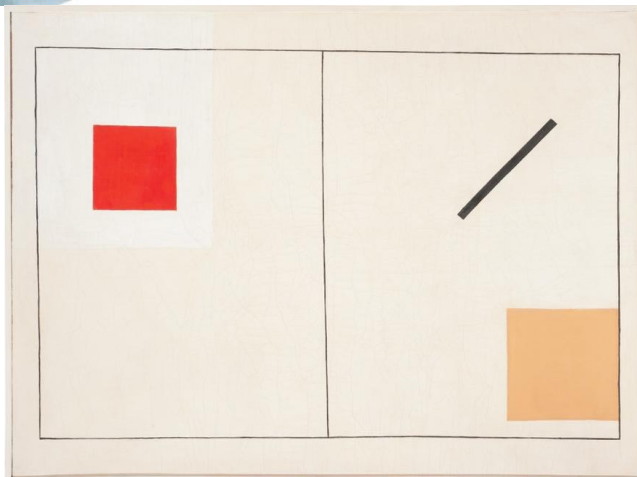


Imagem 2. Obra de Lygia Clark, *Descoberta da linha orgânica*, 1954 (MoMA, 2025, documento eletrônico).

Cada uma das estantes foi composta a partir de indicações dos artistas em diálogo com a curadoria e exibiu uma seleção de títulos contendo inspirações, referências e instigações ligadas às obras e à trajetória íntima e autoral de quem as criou. Importante frisar que a leitura das dissertações de mestrado dos artistas também foi fundamental nesse processo (Schneider, 2022; Batista, 2018; Nogueira, 2021). Além da pesquisa bibliográfica, a pesquisa incluiu a garimpagem de títulos em sebos e bibliotecas, trazendo novidades e elementos-surpresa às listagens iniciais feitas pelos artistas e pela curadoria. A relação dos livros com as obras nem sempre era óbvia; às vezes, podia ser sugestiva ou mesmo obscura. A intenção era que o espectador fosse convidado a manusear e ler os livros da estante simultaneamente à sua apreciação das obras, de modo a estabelecer suas próprias conexões pessoais e poéticas. Para incentivar a prática, foram colocadas poltronas e uma mesinha perto da estante.



extremos

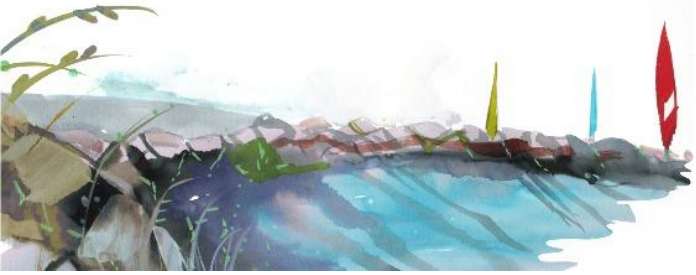
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Imagem 3. Visitantes manuseiam livros na exposição de Camila Elis, na Casa de Cultura Mario Quintana. Foto de Thiele Elissa (Cardoso, 2025, p. 2).

Penso que seja também possível estabelecer um diálogo entre as considerações de Basbaum e as nossas intenções com alguns apontamentos de Sonia Salzstein (2006). Segundo a teórica e professora, a tendência da crítica na contemporaneidade é de

[...] ir se confundindo cada vez mais com a produção artística, assimilando, com seus interesses e motivações que eram só da produção, buscando apresentar-se como uma modalidade da própria arte, reclamando um domínio morfológico e estilístico análogo ao dos trabalhos, desenvolvendo-se mesmo paralelamente a eles [...] (Salzstein, 2006, p. 89).



extremos

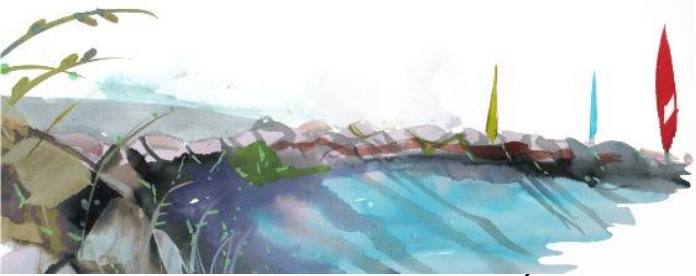
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Para levantar tal hipótese, Salzstein vai nas origens da noção de crítica, tal como foi configurada pelo pensamento moderno. Se por um lado nessas origens se pressupunha “um sujeito reflexivo, uma vontade cognitiva e uma jurisdição mais ou menos autônoma da atividade reflexiva, a partir da qual o pensamento seria sempre capaz de resistir a coações externas” (Salzstein, 2006, p. 83); por outro, havia a ideia da “crítica como *experiência*” (Salzstein, 2006, p. 83), invenção moderna de Baudelaire. Noção essa que ecoa a “expansão dos sentidos”, sugerida por Basbaum (2013).

Para Salzstein, essa noção de experiência apreciada por Baudelaire carregaria em seu âmago as ambiguidades e contradições portadas pela Razão moderna — uma vez que nela haveria disposição para “acolher seu presente instável e processual” (Salzstein, 2006, p. 83).

Em uma outra fala³, mais recente, a teórica comenta que a novidade histórica da crítica praticada por Baudelaire é trazer os afetos e as fragilidades da experiência poética que, “com sua linguagem cindida entre as flutuações do eu lírico e a provocação jornalística insolente, nunca perdeu o gume”. É com Baudelaire, portanto, segundo ela aponta, que a crítica se faz longe da academia e das instituições, “num lugar estrategicamente posicionado num desvio da cultura de massa, a meio caminho do mundo oficial”. Uma liberdade na constituição dessa linguagem, desse lugar novo, “que tem algo de experiência estética”. Cabia à crítica “a tarefa de confrontar os trabalhos permanentemente àquele espaço público, mas também elaborar os critérios de inserção social desses trabalhos” (Salzstein, 2006, p. 85).

Salzstein entende que a situação contemporânea, em função de estar “o tempo todo coagida por uma racionalidade institucional que se manifesta como realização perfeita mas invertida da Razão Moderna” (Salzstein, 2006, p. 84), não favorece o vigor da dimensão da experiência.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Assim, no projeto *Índice Remissivo*, havia a intenção de que nas instalações resultantes de cada um dos três artistas os estímulos sensoriais pudessem conduzir os visitantes a prestarem atenção em certos livros, conceitos, frases ou palavras, que por sua vez podiam recondicionar a fruição sensorial em um processo de retroalimentação que complicava e expandia os significados presentes nos trabalhos, de modo a estimular uma fruição.

Amparados pelas colocações de Basbaum (2013), entendemos que a relação entre texto e arte não precisa permanecer restrita ao exercício de uma crítica que apenas comente os trabalhos, tampouco a trabalhos que buscam no texto somente alguma espécie de validação. Daí a sugestão de que a arte pode se relacionar com a literatura, seja ela ficção ou não ficção, compartilhando de um mesmo espaço aberto e experimental, em que domínios separados dão lugar a sobreposições e trocas mais porosas, livres e inesperadas.

Como dito por Basbaum quando se refere aos diagramas, talvez seja possível pensar os livros enquanto “estruturas que se abrem para o lado de fora, posicionando-se como uma zona intermediária, membranosa, que querem ocupar” (Basbaum, 2013, p. 39). Assim, os livros não são *sobre* as obras, e as obras não são *sobre* os livros. As referências existem, mas as fronteiras entre elas deixam, idealmente, de existir.

A artista participante da primeira edição foi Camila Elis. Através da pintura e do desenho, Camila pensa sistemas de interação entre objetos, pessoas, ambientes e sensações não exatamente passíveis de serem descritas. Questões de cor, volume e textura nos convidam a explorar e imaginar relações, sobrepondo-as às nossas próprias memórias e às ideias e sensibilidades presentes nos livros de Sigmund Freud, Annie Ernaux, Simone Weil, Georges Bataille e outros autores que marcaram a trajetória da artista.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Imagem 4. Vista das obras de Camila Elis expostas no espaço Maria Lúcia Magliani, na Casa de Cultura Mario Quintana. Foto de Thiele Elissa (Cardoso, 2025, p. 20).

Na segunda edição, o convidado foi Fercho Marqu ez-Elul. Sua prática parte da escolha por um material instável, a glicerina, quase sempre contornada por moldes de madeira. A madeira, conforme as palavras do próprio artista em conversa comigo, “material para caixões”, recebe esse outro material que vai “se decompor, vaziar do molde, ocupar o mundo”.⁴ Seu apreço pelos textos e revela es etimológicas conduz a uma produ o que nos instiga a pensar na inconformidade das substâncias e nos limites entre corpo, m teria e linguagem. Além de livros de Maurice Blanchot, Nuno Ramos, Claude McKay e Helio Ferverza, entre outros, também integrou a exposi o de Marqu ez-Elul seu livro *Timo*, que havia sido lançado nesse mesmo ano de 2023.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Imagem 5. Vista das obras de Fercho Marquez-Elul expostas no espaço Maria Lídia Magliani, na Casa de Cultura Mario Quintana. Foto de Vicente Carcuchinski (Cardoso, 2025, p. 42).

A terceira e última convidada foi Manoela Cavalinho. Em sua participação, a artista desenvolveu duas obras inéditas especialmente para a ocasião e as fez dividir o espaço com uma seleção de livros narrados em diversas cidades do interior do Rio Grande do Sul, escritos por autores tais como João Bosco Abero, Charles Kiefer, Lya Luft e Ana Mariano. A obra *Piso lavrado* remete a assassinatos ocorridos em diferentes pontos da cidade de Porto Alegre nos quais a artista morou. Ao refletir imagens desses lugares por onde ela e nós passamos em espelhos carcomidos e combiná-las com elementos como a cama (um empréstimo concedido a Manoela pela artista Marlies Ritter) enterrada da obra *Vivienda*, Manoela faz referência à passagem do tempo, seus apagamentos e sua materialidade. Assim, a artista provoca a nossa memória sensorialmente e nos faz perceber a concretude da violência recorrente em nosso território.

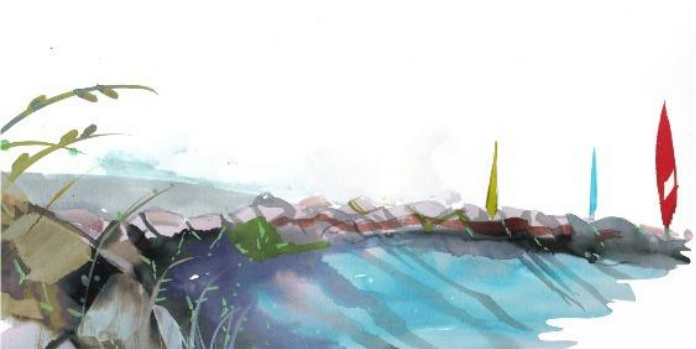
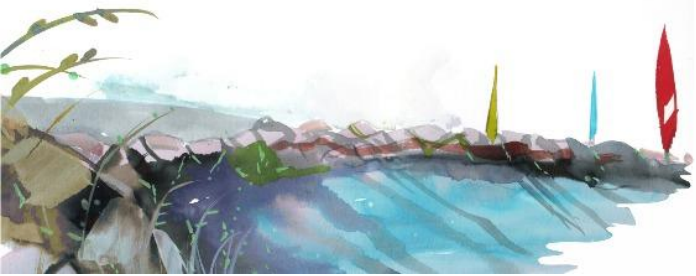


Imagem 6. Vista das obras de Manoela Cavalinho expostas no espaço Maria Lídia Magliani, na Casa de Cultura Mario Quintana. Foto de Antonio Mainieri (Cardoso, 2025, p. 60).

Fez parte de cada uma das exposições uma conversa entre mim e cada um dos artistas, e juntos escolhemos um dos livros da estante para conduzir o diálogo. Com Camila, o livro foi *O acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, em função da autora narrar no livro uma experiência visceral, vivida na própria pele, recorrendo a elementos materiais, como anotações e lugares percorridos, para acionar e dar forma às suas memórias. *O pão do corvo* (2017), de Nuno Ramos, artista fortemente marcado pelas imbricações entre os materiais em suas especificidades e a materialidade das palavras, importante referência para Fercho, foi o fio do condutor entre a minha conversa com o artista. Já para a conversa com Manoela a escolha foi *Os famosos e os duendes da morte* (2010), de Ismael Canepalli, um romance de formação que se passa no interior do Rio Grande do Sul e que expressa os encantos e assombros que atravessam as vidas de jovens numa pequena cidade impactada pela morte de um deles. Esse último encontro contou ainda com a participação da bailarina Janaína Ferrari, que performou no espaço expositivo.



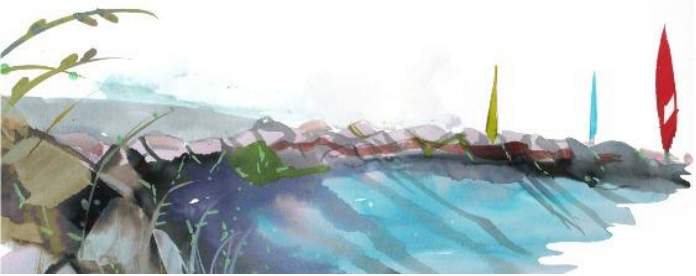
extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Visando envolver o público nas relações possíveis entre a fruição artística e a produção textual, cada edição do projeto *Índice Remissivo* contou também com a realização de uma oficina de escrita criativa ministrada pelo cocurador Daniel Galera, aberta ao público mediante inscrição gratuita. Divididas em dois encontros, realizados em manhãs de sábado consecutivas na sala do Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE), com visão livre para o Espaço Maria Lídia Magliani e para as instalações, as oficinas tinham como objetivo instigar a escrita de textos de ficção que dialogassem com aspectos formais e temáticos dos livros e obras expostos. As atividades propiciaram uma imersão ativa nos trabalhos artísticos por meio de discussões e aulas expositivas que forneceram ideias, estímulos e provocações para a expressão individual de cada participante.

A produção textual resultante, diversificada em termos de pontos de vista, interpretações e recursos estéticos, permitiu uma triangulação que forneceu uma camada adicional à proposta de investigar as possibilidades de diálogo entre a literatura e as artes plásticas.

Como fechamento do projeto, foi realizado um catálogo digital (Cardoso, 2025). Na publicação, cada artista ganhou uma seção na qual constam as fotos do espaço expositivo e de detalhes das obras, a lista de livros selecionados, a apresentação do mote das oficinas, bem como os textos de dois participantes de cada uma delas. Além disso, para o catálogo, ensaiamos selecionar pequenos trechos de livros que sentimos discorrerem sobre os trabalhos, sem estar necessariamente falando sobre eles.



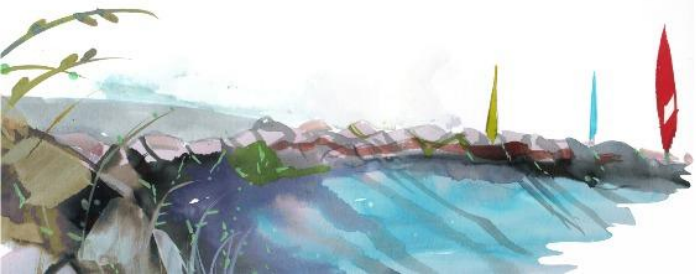
Assim, a memória, que é recurso para Camila Elis, em seu uso de texturas e cores em suas pinturas, é evocada em um trecho no qual Roberto Machado reflete sobre Marcel Proust: “[...] era preciso tentar interpretar as sensações como signos de leis e ideias, procurando pensar, isto é, tirar da penumbra o que sentira, convertê-lo em um equivalente espiritual” (Machado, 2022, p. 40). A entropia presente nas esculturas de glicerina e madeira de Fercho Marquéz-Elul ganha camadas através de um trecho no qual Didi-Huberman disserta sobre Giuseppe Penone: “[...] extrair da montanha um bloco novo, reproduzir exatamente a pedra extraída do rio no novo bloco de pedra, é ser rio [...]. Para esculpir a pedra na verdade, tem-se que ser rio” (Didi-Huberman, 2009, p. 49). O assombro contido na materialidade de um lugar presente nas instalações de Manoela Cavalinho é transmitido por meio de um trecho do conto “O baile dos Jacintos”, de João Bosco Abero (2017):

[...] moravam numa casa de alvenaria caiada de branco, ainda que o reboco já desenhando mapas, mais mapas, portulanos nas paredes barrigudas de antigas. Na frente da casa, um descampado redondo era bordado pelos ranchos que havia em volta (Abero, 2017, p. 12).⁵

Em uma conversa com Fercho Marquéz-Elul em que eu e ele refletíamos sobre o projeto, o artista fez um comentário que considerei elucidativo. Segundo ele,

A arte ainda tem muito desse verniz de dom, de dotação, quando na verdade o processo da criação artística é ancorado nas regras do jogo, sejam quais forem essas regras. Os elementos que compõem a arte partem de uma coisa física, seja ela uma leitura, uma caminhada, um sonho. Essa é a riqueza do Índice Remissivo, ele abre os processos, pensa no público e amplia as possibilidades de interação com as obras, sem oferecer nenhum tipo de prejuízo à experiência artística.⁶

Ouvir Fercho me fez pensar em nossos processos enquanto uma metodologia que procurou não só “desenrijecer” a fruição das obras, mas oferecer a um público amplo possibilidades de contornos para a sua própria imaginação e pensamento. Para que isso acontecesse a recepção e a interlocução com os artistas foi fundamental.



Em relação aos textos resultantes das oficinas, gosto de pensá-los como um desdobramento dessas intenções e seus ecos. A artista Manoela Cavalinho, ao ver o material e pela primeira vez ler os textos em conjunto com a própria obra, comentou como o catálogo faz sentido porque nele “a literatura aparece”. A artista se entusiasmou ao ver os textos resultantes da oficina em diálogo com seu trabalho por eles estimularem a possibilidade de falar de arte por meio de literatura.⁷

Assim, a partir das experiências de criação envolvidas no projeto *Índice Remissivo* e das reflexões aqui elaboradas, mais uma vez, os livros não são *sobre* as obras, e as obras não são *sobre* os livros. As referências existem, mas as fronteiras entre elas deixam, idealmente, de existir quando absorvidas pelo público que as significa através das suas próprias percepções e escritos e, assim, se torna também escritor de novos significados.

Notas

¹ Doutoranda e mestra em História, Teoria e Crítica de Arte pelo PPGAV–UFRGS, e bacharel em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, pela mesma Universidade. Atua com pesquisa, escrita e curadoria, com especial interesse em projetos com abordagens feministas e queer entrelaçados a narrativas e questões ecológicas. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6390985326500316> e ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6337-8850>.

² A apresentação do projeto aqui descrita é uma adaptação do texto curatorial que integra o catálogo do projeto. O catálogo pode ser acessado no site da Casa de Cultura Mario Quintana. Irei comentar sobre algumas escolhas dessa publicação mais a frente neste texto. Para o acesso ao catálogo ver: https://www.ccmq.com.br/wp-content/uploads/2025/06/Catalogo-Indice_Remissivo.pdf. Acesso em: 21 jul. 2025.

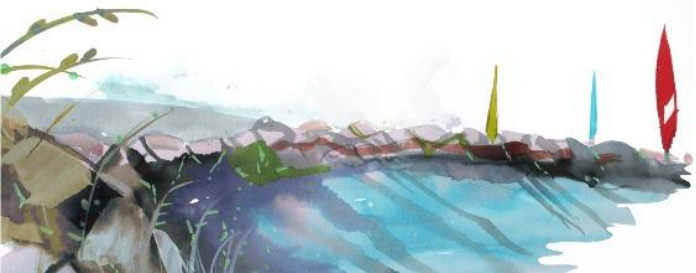
³ Em um curso *A prática contemporânea da crítica: dilemas e perspectivas da escrita sobre arte hoje*, oferecido em 2021 pela Ubu Editora, Salztein falou sobre as origens da crítica apontando Charles Baudelaire como figura fundamental. Retirei alguns trechos dessa fala que são aqui citados. Ver: https://circuito.ubueditora.com.br/ubu-em-curso-a-pratica-contemporanea-da-critica-dilemas-e-perspectivas-da-escrita-sobre-arte-hoje-com-sonia-salzstein/?srsltid=AfmBOootCjHq1oXtTaDjKEUhbXNcgVjKkWoDdIC0OdfF4BeTo1_h5obT. Acesso em: 21 jul. 2025.

⁴ Comentários feitos pelo artista Fercho Marquéz-Elul (nome social) em visita ao seu ateliê.

⁵ No catálogo os trechos são mais longos, de modo que os cito aqui apenas parcialmente, *um trecho dos trechos*.

⁶ Comentário feito pelo artista Fercho Marquéz-Elul (nome social) em conversa comigo por *WhatsApp*.

⁷ Comentário feito pela artista Manoela Cavalinho (nome social) em conversa comigo por *WhatsApp*.



Referências

- ABERO, João Bosco. O baile dos Jacithos. In: ABERO, João Bosco. *Mil e um jazigos*. Bagé: Bageense, 2017, p. 9-17.
- BASBAUM, Ricardo Roclaw. *A arte como campo privilegiado para a ficção contemporânea*. Manual do artista-etc. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.
- BATISTA, Anderson dos Santos. *[ci-gît]*. Ensaio sobre a instauração clandestina, a palavra baldia e a presença murmurada do objeto. 2018. Dissertação (Mestrado em Poéticas Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189092/001086549.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- CANEPPALI, Ismael. *Os famosos e os duendes da morte*. São Paulo: Iluminuras, 2010.
- CARDOSO, Taís (coord. ed.). *Índice Remissivo*. Porto Alegre: Casa de Cultura Mário Quintana, 2025. Disponível em: https://www.ccmq.com.br/wp-content/uploads/2025/06/Catalogo-Indice_Remissivo-1.pdf?fbclid=PAQ0xDSwLrDOBLEHRuA2FibQlxMQABp0a4mMbuDH6Y59DnvtHjG8u43-hfvhqC1EhVvwBgysb88aABns4BjY4pwN8G_aem_Z8KvrLubzOENcaeVPWNdRw. Acesso em: 21 jul. 2025.
- CLARK, Lygia. *Descoberta da linha orgânica [Discovery of the organic line]*, 1954. MoMA, 2025. Disponível em: <https://www.moma.org/audio/playlist/181/2427>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- DIDI-HUBERMAN, Didi. *Ser crânio*. Lugar, contato, pensamento, escultura. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.
- ERNAUX, Annie. *O acontecimento*. São Paulo: Fósforo, 2022.
- MACHADO, Roberto. *Proust e as artes*. São Paulo: Todavia, 2022.
- NOGUEIRA, Manoela Farias. *Não vê no meio da sala as relíquias do Brasil: exercícios sobre a memória da ditadura civil-militar brasileira*. 2021. Dissertação (Mestrado em Poéticas Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236293/001138962.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- RAMOS, Nuno. *O pão do corvo*. São Paulo: Iluminuras, 2017.
- SALZSTEIN, Sônia. *Transformações na esfera da crítica*. Rio de Janeiro: Funarte, 2006.
- SCHNEIDER, Camila Elis. *Veladuras: notas sobre a prática em pintura e desenho*. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.